

# LEITURA INTERTEXTUAL DE TRÊS LENDAS DO LIVRO “HISTÓRIAS DA MINHA ORIGEM- AI- KNANOIK HOSI HAU-NIA HUN”

LEITURA INTERTESUÁL AI-KNANOIK TOLU NIAN HOSI LIVRU *AI-  
KNANOIK HOSI HAU NIA HUN*

*INTERTEXTUAL READING OF THREE LEGENDS FROM THE BOOK  
“HISTÓRIAS DA MINHA ORIGEM - AI-KNANOIK HOSI HAU-NIA HUN”*

**Luis Abel Ati\***

Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

**Maria da Cunha\*\***

Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

RESUMO: O presente trabalho busca estabelecer uma leitura intertextual de três lendas: a *Lenda de Bee-Cussi*, a *Lenda de Iparira* e a *Lenda da Aldeia Kaenlulik*, que compõem o livro *Histórias da minha origem - Ai-knanoik hosi hau-nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018), com os objetivos de identificar e analisar os elementos intertextuais presentes nessas três lendas em estudo. Desse modo, pretendemos também divulgar a origem de alguns locais em Timor-Leste, permitindo melhor acesso às lendas para as novas gerações. Para a efetivação do trabalho, foi aplicada a pesquisa qualitativa através de leituras bibliográficas relativas ao tema. A partir desta pesquisa, percebemos que a intertextualidade entretence textos a partir de citações, alusões, paráfrases, comentários, ou afinidades temáticos-ideológicos e ou formais. Ao longo da nossa análise, concluímos que existe um elemento intertextual presente nas três lendas em estudo no que concerne ao animal “Cão”, que desempenha um papel fulcral nas três lendas como o descobridor principal das nascentes ou fontes de água, contribuindo para a sobrevivência da população. A água é fonte de vida, essencial para a sobrevivência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura intertextual. Alusões. Lenda. Cão. Água.

\* Licenciado em Educação, na Universidade Nacional Timor Lorosa'e, Faculdade de Educação Artes e Humanidades, Departamento de Ensino de Língua Portuguesa. E-mail: [luisabelati0@gmail.com](mailto:luisabelati0@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5474-8388>

\*\* Licenciada em Ensino de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas em Timor-Leste na Universidade Nacional Timor Lorosa'e em 2008. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, do CAPES na UNTL; Mestre em Teoria da Literatura-Especialização em Literaturas Lusófonas na Universidade do Minho, Braga, Portugal em 2011. Doutoranda em Letras na Universidade Mackenzie, 2022-2025. Professora efetiva na Universidade Nacional Timor Lorosa'e. E-mail: [maria.dacunha@untl.edu.tl](mailto:maria.dacunha@untl.edu.tl). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8757-7694>

REZUMU: Traballu ida ne'e buka estabesele leitura intertestuál ida hosi ai-knanoik tolu: Ai-knanoik Bee-Cussi nian, Ai-knanoik Iparira no Aiknanoik Aldeia Kaenlulik nian, mak kompin livru *Histórias da minha origem - Ai-knanoik hosi hau-nia hun* (Cavalcante / Cunha, 2018), ho nia objetivu atu identifika no analiza elementu intertestuál sira iha aiknanoik tolu ne'ebé estuda hela. Nune'e, ita hakarak mós divulga origem fatin balu iha Timor-Leste, hodi permite jersaun foun sira asesu di'ak liutan. Atu hala'o knaar ida ne'e ita aplika tiha peskiza kualitativa liuhosi leitura bibliográfika relativa ho tema. Liuhosi peskiza ne'e, ita hatene katak intertestualidade entretese testu sira liuhosi sitasaun, aluzaun, paráfrazes sira, komentáriu sira, ka afinidade temátiku-ideológiku sira ka formal sira. Iha ita-nia análise nia lala'ok, ita hakotu katak iha duni elementu intertestuál sira iha ai-knanoik tolu ne'ebé ita estuda hela, konaba animál “Asu”, mak hala'o nia knaar fulkral iha ai-knanoik tolu ne'e hanesan deskobridór prinsipál bee matan, hodi kontribui ba populasaun nia moris. Bee mak fonte moris nian, liuliu ba ema nia moris.

LIA-FUAN XAVI: Leitura intertestuál. Aluzaun sira. Ai-knanoik. Asu. Bee.

ABSTRACT: This work seeks to establish an intertextual reading of three legends: the *Lenda de Bee-Cussi*, the *Lenda de Iparira*, and the *Lenda da Aldeia Kaenlulik*, which make up the book *Histórias da minha origem - Ai-knanoik hosi hau-nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018), with the aims of identifying and analyzing the intertextual elements present in these three legends under study. We also intend to disseminate the origin of some places in East Timor, allowing better access for new generations. This qualitative research was applied through bibliographical readings on the subject. From this research, we realized that intertextuality interweaves texts through quotations, allusions, paraphrases, comments, or thematic-ideological and (or) formal affinities. Throughout our analysis, we concluded that the “Dog” is an intertextual element in the three legends under study. This animal plays a central role in the three legends as the main discoverer of springs or water sources, contributing to the population's survival. Water is a source of life, essential for human survival.

**KEYWORDS:** Intertextual reading. Allusions. Legend. Dog. Water.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma análise intertextual de três lendas do livro *Histórias da minha origem-Ai-knanoik Hosi Hau Nia Hun* (Cavalcante & Cunha, 2018). O livro é uma coletânea de 21 narrativas com histórias dos 13 municípios de Timor-Leste, recolhida pelos estudantes e pesquisadores do Departamento de Ensino de Língua Portuguesa (DELP), da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades (FEAH), da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Essa atividade surgiu a partir da disciplina *Literatura Brasileira*, ministrada

pela professora Márcia Cavalcante e da disciplina *Literatura e Cultura Timorense*, ministrada pela professora Maria da Cunha – organizadoras dessa coletânea, que tiveram o imenso prazer de transformar os registros orais da literatura de tradição oral timorense em um documento escrito. Portanto, essa obra é constituída por lendas das origens dos topónimos de alguns sítios nos municípios de Timor-Leste, como por exemplo: a *Lenda de Bee Malae*, a *Lenda de Manatuto*, a *Lenda de Becussi*, a *Lenda de Suai-Loro*, a *Lenda da lagoa Iparira*, a *Lenda da Origem de Rai-Llaku*, entre outras.

Pensamos que as obras literárias são documentos muito pertinentes que relatam sobre as histórias dos nossos ancestrais, ou seja, a partir desta obra referida podemos visitar o mundo dos nossos ancestrais. Por outro lado, consideramos que as obras literárias são as fontes que ligam os dias de hoje com o passado, isto é, conhecer as histórias dos nossos antepassados.

Percebemos que a Literatura é a arte da escrita que consiste em textos com vários recursos estilísticos e elementos literários para embelezar a escrita. A Literatura é composta por três grandes gêneros, a saber: Narrativo, Lírico (Poesia) e Dramático. Entretanto, entendemos que a obra em pesquisa se integra ao gênero narrativo, uma vez que a lenda é um dos subgêneros da narrativa. Segundo a nossa perspectiva, a lenda é um dos subgêneros narrativos que revela sobre a origem de um local, ou topónimo, ou seja, de um objecto. Um dos exemplos mais populares de Timor-Leste é a lenda da *Ilha de timor*.

*Histórias da minha origem - Ai-knanoik bosi hau-nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018) é um livro pertinente para as gerações vindouras, uma vez que, através dele, novas gerações podem conhecer um pouco das histórias dos ancestrais. O motivo que nos levou a tratar este tema foi a partir dos conhecimentos que tínhamos adquirido na disciplina Literatura e Cultura Timorense e dos conhecimentos acerca da área das literaturas globais e locais, particularmente, da literatura e cultura da nossa terra.

É importante referir que ainda há dificuldades por parte dos alunos no processo de interpretar e analisar uma obra literária, por isso a presença da literatura tradicional assume uma grande contribuição para aprofundar o conhecimento acerca da Literatura e Cultura Timorense, principalmente, as produções literárias de autores timorenses. Além disso, este tema ainda não havia sido abordado pelo nosso departamento até então, por isso, pensamos que o tratamento desse tema poderia contribuir para intensificar os nossos saberes locais.

Desse modo, este estudo pretende trazer resposta às seguintes questões: o que são lendas e o que é uma leitura intertextual. O objetivo geral visa estabelecer uma leitura intertextual de algumas lendas de *Histórias da minha origem - Ai-knanoik bosi hau-nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018). Os objetivos específicos são: identificar o climax e o seu problema nas três lendas selecionadas; analisar e identificar os elementos intertextuais presentes nessas lendas; perceber a existência de situações emergentes na análise intertextual; e divulgar a origem dos locais ou aldeias de alguns municípios de Timor-Leste reveladas no livro, permitindo um melhor acesso ao conhecimento delas para as novas gerações e para a comunidade internacional, que poderá

conhecer um pouco o que compõe a nossa identidade, o nosso pensamento, os nossos costumes, hábitos e tradições.

Desse modo, este artigo está organizado do seguinte modo: na próxima seção, apresentamos a importância da Literatura e da Leitura e, na subseção, o conceito de intertextualidade; na seção 3, fazemos uma breve contextualização das três lendas – a *Lenda de Bee-Cussi*, a *Lenda de Iparira* e a *Lenda da Aldeia Kaenlulik*; na seção 4, realizamos uma análise intertextual das três lendas selecionadas; e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DA LEITURA

A palavra *Literatura* vem da língua latina *Littera*, que significa *Letra*. Ao reforçar isso, Aguiar e Silva, V. M. (1999, p. 12) salienta que “o lexema complexo literatura, derivado do radical *littera-letra*, carácter alfabético-, significa saber relativo a arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição”.

Segundo Reis, C. (1997, p. 24,) “a literatura possui uma dimensão sociocultural, directamente decorrente da importância que, ao longo dos tempos, nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência coletiva dessas sociedades”. Ainda no mesmo conceito da literatura, de acordo com Filho A. Cardoso (2012, p. 24): “a literatura é uma arte que, diferentemente da pintura com as suas cores, da música com as notas e melodias; da dança com os seus movimentos corporais e outras artes, a literatura recorre à palavra como sua matéria-prima”.

Com base nas teorias acima apresentadas compreendemos que a Literatura é uma forma muito especial de utilizar as palavras, com recursos estilísticos e de outros elementos literários, além de elucidar a dimensão sociocultural.

Em relevância ao tema desta pesquisa que se foca sobre uma leitura intertextual das lendas do livro *Histórias da minha origem - Ai-knanoik hosi hau-nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018), entendemos que há um entrelaçamento entre algumas histórias desse gênero. Entretanto, o conceito da Leitura é pertinente ao processo da aprendizagem de uma língua, tanto na perspectiva de aprendizagem local quanto na aprendizagem universal. Pois a leitura é uma actividade que envolve o leitor e o texto, ou seja, há transação entre o texto e o leitor com a finalidade de adquirir informações e conhecimentos. Ao reforçar isso, Antunes, I. C. (2003, p. 81) salienta que:

a leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes sutilmente estão embutidas nas entre-linhas. O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais existe uma visão do mundo, um modo de ver as coisas, uma crença.

Ainda no mesmo conceito, Sim Sim (2007, p. 7), refere que “ler é compreender, obter a informação aceder ao significado do texto. Por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavra, de frases ou de um texto”. Em relação a isso, entendemos que a leitura é uma fonte que conduz os leitores para obterem conhecimentos tanto locais quanto universais.

## 2.1 Conceito de intertextualidade

Segundo Paz & Moniz (1997, p. 119), a palavra intertextual “vem do Latim (*inter*) significa entre e (*textual*) que diz respeito ao texto”. O mesmo autor realça que a intertextualidade é “a relação discursiva que vários textos entretecem com um novo texto, através de citações, alusões, comentários, ou afinidades temáticos-ideológicas e ou formais”. Portanto, a intertextualidade é a ligação entre um texto com os outros textos a partir dos tipos ou elementos intertextuais, pois, “a partir da interação social entre cultura e texto artístico, surge, assim, o conceito de *intertexto* ou diálogo entre textos” (Paz & Moniz, 1997, p. 119).

De acordo com Marcushi (2008, p. 131) “a intertextualidade é a presença de parte de texto prévios dentro de um texto atual. E ressalta dentre as várias modalidades de intertexto”. Nesse sentido, compreendemos que a coerência textual tem importância fundamental na relação dos discursos entre si, visto que a intertextualidade é um princípio constitutivo do texto, o que possibilita interconexões dos mais variados tipos de discursos.

Ainda sobre o mesmo conceito, Koch (2008, p. 86) explica que

a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. Como vemos, a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

Nessa visão, consideramos que a intertextualidade é uma articulação dos elementos sociais, culturais, entre outros, presentes em textos diferentes. Além disso, a intertextualidade é uma forma de diálogo entre textos, que aparece de modo implícito ou explícito em diversos gêneros textuais, contextualizados de acordo com a realidade vivida. O intertexto ilustra a importância de conhecimento de mundo e como tal conhecimento interfere no nível da compreensão do texto. Ao reforçar isso, Marcushi (2008, p. 130) afirma que a intertextualidade pode ser reconhecida como “propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de texto determinado mantém com outros textos”. Ainda sobre o tema, Kristeva (1971, p. 232), manifesta que a intertextualidade

é “a interacção textual que se produz no interior de um único texto, indicadora da maneira como um texto ‘lê a história e nela se insere’ e dá a característica maior de uma estrutura textual”. De modo geral, a autora salienta que a intertextualidade “possui uma aplicação ampla, que ultrapassa o sentido mais óbvio, relacionado aos casos em que uma obra literária faz alusão à outra obra literária” (Kristeva, 1974, p. 216).

### 3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS TRÊS LENDAS SELECIONADAS

O foco desse estudo é uma leitura intertextual de três lendas selecionadas do livro: *Histórias da Minha Origem-Ai-Knanoik hosi hau nia hun* (Cavalcante & Cunha, 2018), por meio de um método qualitativo e comparativo. Para atingir os nossos objetivos, fizemos uma leitura global da obra que nos inspirou trabalhar esse tema. Posteriormente, fizemos a leitura seletiva de excertos das três lendas em destaque e realizamos o fichamento do corpus, o que possibilitou comparar e relacionar a descoberta da água pelo cão e o modo aplicado semelhante pelos donos do cão para encontrar fontes de água.

A seguir, fazemos uma breve contextualização das três lendas selecionadas:

#### 3.1 A Lenda de Bee-Cusse

A *Lenda de Bee-Cusse* introduz a falta de água numa aldeia no Suco de Becora localizado no município de Díli e apresenta a origem do topónimo dessa aldeia, conhecida atualmente por Becussi. Aconteceu num tempo indeterminado, um cão ao passear sentiu sede, foi à procura de água, viu uma fonte de água, como se lê, a seguir:

Um dia um cãozito que andava a passear sentiu-se com sede e foi à busca de água para beber. Ao chegar a um determinado local, olhou à direita e viu uma fonte de água que nascia dentro de um *cussi*. O cão ficou muito feliz e pulou para dentro do *cussi*, molhando-se todo. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 69)

Houve reação quando o cão regressou à casa molhado, causou espanto e alertou a atenção de todos. Os velhos ao verem o cão molhado ficaram admirados, e se questionaram, porque não havia por aí alguma nascente, como poderia o cão estar molhado?

Ao pôr-do-sol, o cão regressou molhado à casa, e quando chegou lá os velhos olharam-no admirados e se questionaram como era que o cão estava molhado se naquela aldeia não havia água. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 69)

Daí, os anciões daquele Suco começaram a reunir-se para falar sobre este assunto. E num determinado dia, eles decidiram encher de cinza um cestinho e penduraram no pescoço do cão que podia dar-lhes o sinal e podiam segui-lo até a nascente da água.

Um dia, os anciões teceram um cestinho daqueles utilizados para cozinhar catupa e penduraram no pescoço do cão. Mas antes eles encheram o cestinho de cinza e furaram um buraco para que quando o cão andasse o pó da cinza caísse pelo caminho. [Depois]. Após banhar-se voltou para casa. Os anciões viram que não havia mais cinza dentro do cesto. (Cavalcante & Cunha, 2018, pp. 69-70)

Ao verem o cão regressar molhado e sem as cinzas, resolveram ir à procura seguindo os rastros por onde caíam as cinzas. Esta é a parte fulcral da narrativa porque finalmente, com esta forma eles conseguiram encontrar água que brotava dentro de um *cussi*, isto é, uma vasilha de barro. Não obstante, surgiu um acontecimento mágico que os impediu de se aproximarem do local, como se lê: “de repente escureceu, e a água que era transparente, brilhava como um pano branco, começou a emanar um cheiro forte” (Cavalcante & Cunha, 2018, pp. 69-70). Apesar de estar escuro, decidiram aproximar-se da fonte descobriram que apesar de não ter muita água, era uma fonte muito linda. De novo, surgiu um sinal assustador quando os anciões pretendiam buscar a água para beber, daí decidiram regressar imediatamente para casa.

Os anciões convocaram uma reunião com a população daquela área e contaram-lhes o sucedido, disseram que naquele lugar havia uma nascente de água muito linda e decidiram atribuir o nome daquela aldeia de Bee-Cussi. Ao mesmo tempo preveniram à população para não se aproximarem desse lugar. Quem ousasse aproximar poderia ficar louco ou poderia morrer.

Esse topónimo prevaleceu, atualmente essa aldeia é habitada por muitas pessoas. A sua população tem aumentado cada vez mais. Não obstante, muitos não conhecem esta lenda porque não são de origem dessa aldeia. Após a independência de Timor-Leste, vieram muitas pessoas do interior do país a habitar a capital, Díli.

### 3.2 A Lenda da Lagoa da Iparira

A *Lenda de Iparira* relata o surgimento da povoação Iparira e das três fontes de água existentes no município de Lautem-Moro. Como pode ser visto na síntese da lenda:

Naquele lugar vivia uma família feliz, que tinha uma filha muito linda. Ficava sozinha a tecer em casa enquanto os pais iam buscar água na companhia do seu cão chamado *Laku-Wetar*. Houve uma época de verão, em que as fontes mais próximas secavam. Os pais tiveram de sair de madrugada para buscar água e até ao meio-dia não regressavam. Nesse dia o cão *Laku-Watar* regressou mais cedo, molhado, com a cauda abanada. A moça saiu ao encontro dos pais, mas ninguém apareceu. Didiu então procurá-los. Colocou o cal num *lusu-lusu*<sup>1</sup> e pendurou-o no pescoço do cão, mas antes, fez um buraquinho nele para que, por onde ele andasse, deixasse um rasto de cal. O cão *Laku-wetar* ia à frente e a moça seguiu-o. Ainda perto da casa, o cão saltou e nadou numa lagoa.

<sup>1</sup> Recipiente feito de manbu utilizado para se colocar cal.

De repente surgiu um belo rapaz que se confessou ser dono da água. A moça pediu para buscar a água, contudo, o rapaz respondeu que deveria ser ela mesma. Contudo, lamentou que a água iria secar, e, para continuar a fluir seria necessário uma moça para vigiá-la. Posteriormente os dois se casaram e tornaram-se vigilantes dessa água para que continuasse a fluir e dar vida a essa população. Entraram na água e desapareceram, o cão *Laku-Watar* saltou também para dentro da fonte e transformou-se numa pedra.

Foi assim que essa provação passou a chamar-se *Iparira*. Em fataluco, ipar significa cão e ira significa água. Há também, duas outras fontes chamadas *ira-valuvalun* em que fataluku significa águas fervidas e *Kaki-Ira* significa “água para curar doença de pele”<sup>2</sup>. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 81)

A *Lenda de Iparira* revela um espaço onde vivia uma família feliz, contudo, por não haver alguma nascente de água nesse local, raras pessoas viviam lá, porque tinham de ir muito longe para buscar água. Não obstante, agora já há água que pode dar a vida para as pessoas que nela vivem, graças à moça que aceitou se casar com o rapaz para ser vigilante dessa fonte.

O problema surgiu quando certo dia, os pais da moça tiveram de sair de madrugada de casa em busca de água e, até ao meio-dia não tinham regressado, deixando a moça solitária e triste. O cão *Laku wetar* que tinha acompanhado os pais regressou a casa mais cedo e molhado com a cauda a abanar. A moça saiu ao encontro, julgava que os pais tivessem regressado, infelizmente, até entardecer não apareceram, como se lê:

Em casa, a moça tecia o *tais* e cantava a sua tristeza. Naquele dia, o cão Laku-Wetar regressou mais cedo, molhado, com a cauda balançado. A moça foi lá fora, procurou os seus pais, mas ninguém apareceu. Esperou até a tarde, mas como eles não apareceram, decidiu sair para procurá-los. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 82)

Então rapariga resolveu procurá-los, como descreve: “Colocou um pouco de cal em um *lusu-lusu* e pendurou-o no pescoço do cão, mas antes, fez um buraquinho nele para que, por onde ele andasse, deixasse um rasto de cal. O cão *Laku-wetar* ia à frente e a menina seguiu” (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 82).

Aconteceu algo surpreendente, porque não longe da casa, o cão saltou e nadou numa lagoa, de repente surgiu um belo rapaz da vegetação que se confessou ser dono da água. A moça admirada com a água límpida que nunca tinha visto, pediu ao rapaz, se poderia buscar essa água. O rapaz por sua vez, respondeu que deveria ser ela mesma é que teria de buscar. Felizmente a moça correu à casa e trouxe os recipientes que os encheram. Não obstante, o rapaz colocou um toque. Entristeceu-se com razão de que a água iria secar, e que precisava de uma moça para vigiá-la para poder fluir permanentemente. A moça, ao ouvir aquilo aceitou vigiá-la sem saber como fazer. O rapaz disse então que poderia ser a esposa dele. Ela, então, aceitou.

A moça foi transmitir aos pais que foram ter com o rapaz. Posteriormente os dois se casaram e tornaram-se vigilantes dessa água para que continuasse a fluir e dar vida a essa

<sup>2</sup> É um resumo feito por nós com base nessa lenda.



população. Entraram na água e desapareceram, o cão Laku-Wetar saltou também para dentro da fonte e transformou-se numa pedra.

Foi assim que essa povoação passou a chamar-se *Iparira*. Em fataluco *ipar* significa “cão” e *ira* significa “água”. Considerando então o cão como o descobridor da água. Além desta, há também, duas outras fontes chamadas *Ira-valuvalun* em que fataluku significa águas fervidas e *Kaki-Ira* significa “água para curar doença de pele”.

A *Lenda de Iparira* é uma narrativa cheia de elementos mágicos comuns na tradição oral de Timor-Leste. A intriga envolve uma situação amorosa entre uma moça tocelã e um rapaz que surge das águas de uma pequena nascente de água.

Achamos que esta lenda ainda explica acerca da importância de água na sociedade, nomeadamente na vida humana, como Shopya de Mello Bryner apresenta na sua obra que “a água é um elemento primordial na vida humana” sobretudo consideramos que o cão tem um papel muito fulcral na respetiva lenda.

### 3.3 A Lenda de Aldeia Kaenlulik

A *Lenda da Aldeia de Kaenlulik* começa com o relato sobre o reino de Luca e os hábitos praticados na ocasião do amadurecimento do Neli. Os agricultores costumavam afixar as cordas enfeitadas de plástico ou panos de um lado ao outro da plantação para afugentar as aves, evitando assim que elas comessem a lavoura. De acordo com o narrador, “Naquele reino havia um homem chamado Sourai, ele tinha muitos filhos. Todos os anos, ele e seus filhos costumavam afixar cordas de ouro nas plantações. No entanto, as pessoas daquele lugar não gostavam dele, nem de seu filhos e netos” (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 105).

Na nossa ótica, achamos que a inveja pode causar vingança. Por isso, o *liurai* do Reino de Luca e o povo fizeram um plano para matar o Sourai e expulsar seus filhos e netos daquele lugar. Aproveitaram então o tempo de colheita, para convidar o Sourai e seus filhos para pisarem o Neli, com a intenção de envenená-lo, como destaca: “Então tiveram a ideia de pôr veneno na bebida do Sourai. Depois de tomar o veneno, ele começou a sentir tontura, decidindo então, regressar para casa, onde morreu imediatamente” (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 105).

Com este acontecimento, os filhos de Sourai revoltados com a morte do pai, vingaram o *liurai* de Luca e planejaram matá-lo. Decidiram então enganar o *liurai* de Luca, não enterraram o pai, fizeram “sentar o seu cadáver numa cadeira enrolaram uma palha de milho para fazer cigarro, puseram na boca do defunto e acenderam o cigarro como se o Sourai estivesse vivo” (Cavalcante & Cunha, 2018, pp. 105-106). Os filhos decidiram convidar o *liurai* de Luca para assistir a cerimónia de pisar Neli. A população teve a curiosidade de espreitar para saber se realmente faleceu o Sourai, no entanto viram-o sentado a fumar. Daí foram informar ao *liurai* de Luca. Este, furioso por saber que o Sourai não faleceu, mandou as pessoas da casa misturar o mesmo veneno para provar. Assim que provou morreu imediatamente.

Depois do funeral o reino de Luca começou a provocar a família do Sourai, cortaram a corda de ouro que o Sourai antes da morte com os filhos tinham afixado na plantação. A corda cortada em dois pedaços: um ficou com o reino de Luca e outro com os filhos de Sourai.

Um dia depois dos sepultamentos, o reino de Luca expulsou os filhos de Sourai daquele lugar. Daí, um dos filhos de Sourai, o Rubi Sou e os seus irmãos saíram imediatamente e foram para o Weklobor que se localiza no Wetali, onde fizeram um horta, porém durante muitos anos não havia água. Para as suas necessidades para cozinhar, beber e para higiene tinham de buscar água na ribeira de Dilór e de Kuha.

A situação tornou-se alarmante, os filhos de Sourai criavam um cão branco, certa tarde, o cão saiu da casa e voltou todo molhado, fez com os filhos de Sourai desconfiassem que havia água perto desse local. Decidiram procurar saber.

Segundo o narrador,

os filhos de Sourai, decidiram fazer um cestinho de palha como o que se usa para fazer *katupa*, encheram de cinzas, e penduraram no pescoço do cão. À tarde, eles espreitaram para saberem onde é que o cão ia tomar água, seguiram-no até chegarem ao local onde o cão matava sua sede. Daí em diante os filhos de Sourai começaram a ir buscar água naquela ribeira. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 107)

Num dia, surgiu uma perturbação. A irmã mais nova foi sozinha buscar água a qual encontrou uma enguia na água cavando a terra até deixar a água suja. Por mais que a Iku Sou limpasse, a enguia continuava a sujar. Por isso, fez com que a menina regressasse tarde à casa colocando os irmãos preocupados e zangados, perguntam-lhe sobre o atraso.

Tal situação continuava quase todos os dias, até que um dia os irmãos decidiram acompanharam a Iku Sou para buscar água, ao mesmo tempo capturar a enguia, mataram e levaram para casa. Enquanto a Iku Sou preparava o tukir da enguia, os irmãos forma trabalhar na horta.

Qual foi o espanto da menina ao ouvir palavras brotarem da fervura da carne na panela dizendo:

*Krotok, krotok, krotoko orsida lokraik*  
*Ita rua tuna*  
*Ita rua na'a* (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 108)

Krotok, ... é a onomatopeia da fervura; *Orsida lokraik* significa “logo à tarde”; *Ita rua tuna*, significa: “seremos enguias”.

A repetição destas expressões fez com que a menina ficasse aflita resolveu ir informar aos irmãos na horta. Vieram imediatamente à casa e não ouviram, consideraram então uma invenção da irmã, voltaram para horta. No entanto, enquanto a menina continuava a preparar

a comida voltou a ouvir. Neste caso, ela ficou muito triste com esta situação. À hora do almoço, todos comeram e acharam muito saborosa a carne da enguia.

Mais tarde, os irmãos foram juntamente com Iku Sou tomar banho na ribeira, enquanto tiravam as roupas, por um triz, a Iku Sou caiu para dentro da água e transformou-se numa enguia, exceto pela cabeça, que continuou com sua forma humana. Então, ela disse para seus irmãos:

Estão vendo! O que lhes falei vocês não acreditaram! A realidade agora está provando que era verdade. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 108)

A realidade estava relacionada às expressões que brotavam da fervura da enguia na panela. A Iku Sou recomendou aos irmãos para arranjarem arroz vermelho e porco vermelho para fazerem um almoço de despedida. Após o almoço deixou as últimas recomendações como o seguinte:

Este é o nosso último almoço juntos. Não se esqueçam de dizer aos nossos descendentes para não comerem mais enguia, nem coração de bananeira e nem *kwifia* koloraek. Devem dizer também para não queimarem o aikdonu, e, se eles desobedeceram ficarão doentes ou morrerão. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 109)

Em seguida, Iku Sou cantou uma cantiga. Depois de cantar, bateu a cabeça na pedra achatada e transformou-se totalmente numa enguia. Posteriormente os irmãos regressaram para casa e se separaram.

Os irmãos regressaram para casa, depois despediram-se. Alguns foram para *Loro monu* outros para *Loro Sa'e*; outros para *tasi fetu* e outros para *tasi mane*. Rubi Sou foi para a casa sagrada *Uma bein Mamulak*, e ali casou-se com uma filha de Mamulak chamada Dasilerak. Por sugestão dos pais e irmãos da noiva, o casal ficou morando ali naquela aldeia, onde tiveram dois filhos que se chamavam Funu Rubik e Naha Rubik. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 109).

Por fim, concluímos que a *Lenda de Kaenlulik* divide-se em três partes: a primeira parte trata-se do ódio e vingança do reino de Luca e os filhos de Sourai, até se separarem. A segunda parte revela a descoberta da lagoa pelo cão até a transformação da Iku Sou para enguia, trazendo separação da vida humana na terra para a vida aquática. A terceira parte, após a despedida do Iku Sou, os irmãos regressaram e dispersaram-se, formando novas gerações.

Assim, esta lenda revela a origem do povo de aldeia *Kainlulik* e até os dias de hoje o povo dessa aldeia não come a carne da enguia, pois eles acreditam que a enguia era um dos seus avós.

#### 4 ANÁLISE INTERTEXTUAL DAS LENDAS SELECIONADAS

No âmbito da análise intertextual das lendas em estudo, focamos só no intertexto relacionado ao papel do cão, um animal simbólico na cultura timorense, que também exerce o papel de guia e companheiro do homem e descobridor das fontes de água.

O *cão* desempenha um papel fulcral nas três lendas em pesquisa, ao ajudar as pessoas a buscar a água para sobreviverem, portanto, a relação intertextual aponta o *cão* como descobridor principal das fontes ou nascentes de água. Identificamos também outros elementos nas referidas lendas que facilitam para as pessoas seguirem o *cão* a descobrir a água, a saber: a *cinza* para as lendas de *Bee-Cusse* e *Kainlulik*, e o *cal* para a lenda de *Iparirá*, consideramos esses dois elementos como símbolos de marcação que permite às pessoas seguir o caminho percorrido do *cão* e, finalmente, encontrar as fontes ou nascentes da água. A água simboliza a fonte de vida, elemento primordial para a sobrevivência humana.

De acordo com o dicionário dos símbolos de Cunha (2022, p. 83) “a simbologia do cão está ligada à trilogia dos elementos terra, água e lua”. Para além disso, revela também “a primeira função mítica do cão como um guia do homem, na noite da morte, depois de ter sido seu companheiro no dia da vida.”

Para a autora, tendo em conta a simbologia, este aspeto relaciona-se às lendas em estudo, no âmbito de o cão ser companheiro do homem, e descobridor da água de diversas fontes relacionadas, devido ao seu instinto ou seu carácter de adivinhador.

Relativamente ao conceito do intertexto, segundo P<sup>e</sup> Ezequel Enes Pascoal (1967, p. 22), “é possível que na tessitura e até nos temas dum ou doutro conto, lenda ou fábula timorense se descubram analogia com concepções imaginárias doutros povos, o que não quer dizer que não tenham muito característico, de genuinamente local, nos nomes de terra e de pessoas nas crenças e usos”.

Com base na afirmação supracitada, percebemos que as lendas timorenses revelam características intertextuais em relação à simbologia do *cão* e do elemento *água*. Na primeira lenda, *Bee-Cusse*, começou com a falta de água, conforme se revela a seguinte versão:

um cãozito que andava... a procura de água para beber...olhou à direita e viu uma fonte de água... ao pôr-do-sol, regressou molhado à casa... os anciãos entrelaçaram um cestinho daqueles utilizados para cozer catupa, encheram-no de cinza e penduram-no ao pescoço do cão. Furaram a catupa para que quando o cão andasse a cinza caísse pelo caminho. Depois mandaram o cão ir em direção a água que tinha encontrado. Então, eles resolveram procurar seguindo os sinais por onde a cinza tinha caído até chegar ao lado de uma montanha. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 157)

Para a segunda lenda, *Iparira*, a narrativa iniciou com a apresentação do tempo seco e uma família que vivia em Lospalos, por falta da água, os pais tiveram de ir muito longe à procura de água, acompanhados do seu cão. Nesta lenda identificamos o seguinte:

Naquele dia o cão Laku-Wetar regressou mais cedo, molhado, com a cauda balançado. [...] Colocou a cal num lusu-lusu e pendurou-o ao pescoço do cão, mas antes, fez um buraquinho nele para que, por onde ele andasse, deixasse um rasto de cal. O cão Laku-wetar ia a frente e a menina seguiu-o. Ainda perto de casa, o cão saltou e nadou na lagoa. (Cavalcante & Cunha, 2018, p. 157)

Na terceira lenda, *Aldeia Kainlulik*, reporta sobre os dois grupos que são o grupo de *liurai* Luka e a Família de Sourai, que se odiavam e se separaram. Os filhos de Sourai foram habitar num local onde não havia água, não obstante foi encontrado pelo cão que criavam, como se lê.

Os filhos de Sourai criavam um cão branco e certa tarde, o cão foi procurar água para beber e tomar banho. Voltando todo molhado, com que seus donos desconfiassem que havia água ali perto. Decidiram então, fazer um cestinho de palha como o que se usa para fazer katupa, encheram de cinzas, e penduraram no pescoço do cão. À tarde, eles espreitaram para saberem onde é que o cão ia tomar água. Seguiram-no até chegarem ao local onde o cão matava a sua sede.

De acordo com os excertos ou as versões apresentados acima, comprovamos a presença intertextual da simbologia do *cão* e do elemento *água* nas três lendas em destaque, além da intertextualização relacionada à origem desses locais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, vimos que a *Lenda de Bee-Cusse* relata a origem do nome da aldeia de *Bee-cusse*, a capital do país - Díli. Ao passo que a *Lenda de Iparirá* é uma lenda que revela sobre a formação da lagoa de *Iparirá*, narrativa cheia de elementos mágicos comuns na tradição oral de Timor-Leste. A intriga envolve uma situação amorosa entre uma moça tecelã e um rapaz que surge das águas de uma pequena nascente de água. Enquanto a *Lenda da Aldeia de Kainlulik* revela a origem do povo de aldeia *Kainlulik* criando um tabu, que até os dias de hoje o povo desta aldeia não come a carne da enguia, pois acredita que a enguia seja um de seus avós.

A intertextualidade se realiza ao longo da leitura quando descobrimos que as três lendas em estudo relevam uma ligação entre elas, o *cão* é o fator principal que estabelece essas relações intertextuais entre as três lendas de diferentes municípios de Timor-Leste, através do processo de ser o guia dos personagens, por meio do *cal* e das *cinzas* em um cestinho pendurado ao pescoço do animal. Além disso, o *cão* desempenha um papel fulcral como descobridor principal das fontes ou nascentes de água que contribuíram para a sobrevivência humana daquelas comunidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, I. C. (2003). *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Cavalcante, M. & Cunha, M. da (Eds.) (2018), *Histórias da Minha Origem – Ai-knanoiik Husi Hau Nia Hun*, Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento – Pós-Graduação e Pesquisa da UNTL, Díli.
- Cunha, M. da (2022), O Intertexto nas Lendas Timorenses. In: Paulino, V., Cunha, M. da & Gomes, N. S. (Eds.), *Timor-Leste-Literatura, Tradição Oral e Ensino*. Díli: CECA, Universidade Nacional Timor-Lorosa'e.
- Filho, A. C. (2012), *A palavra “literatura” e seu uso ao longo da história*. Teoria da literatura I Aula 2.
- Fontes, V. J. de O. (2013). *O Potencial Didático dos Mitos e das lendas na Educação Histórica*. Universidade do Porto.
- Koch, I. G. V. (2008). *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Kristeva, J. (1971). A Produtividade Dita Texto. In: BARTHES, Roland. *Literatura e semiologia*. Selecção de Ensaio da revista Communications. Trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis: Vozes.
- Kristeva, J. (1974). *A Introdução e Semanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- Lopes, E. B. (2016). *Manual de Metodologia*. Gráfica Instituto EMATER.
- Markoni E. & Lakatos, M. (2000). *Metodologia Científica*. Editora Atlas S. A. São Paulo.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção Textual, Análise de Géneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Paz, O. & Moniz, A. (1997). *Dicionário Breve de Termos Literários*. Editorial Presença.
- Reis, C. (1997). *O conhecimento da literatura*. Ed. Livraria Almedina Coimbra.
- Reis, C. (2009). *Dicionário de Narratologia*. Lisboa: Ed. Almedina.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: A compreensão do texto*. Ministério da Educação Direção.
- Silva, A. V. M. (1997). *Teória da literatura*. Coimbra: Almedina, 2005.

Direitos Autorais (c) 2024 Luis Abel Ati & Maria da Cunha



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#)

[Textocompletodalicença](#)